

daniel mattar

flowing forms

essay

martha kirszenbaum

daniel mattar

flowing forms

In his emblematic Dialogue series developed in 2010, the Korean minimalist painter and sculptor Lee Ufan adorns his canvases placed on the ground with a brushstroke of oil color, mixed with a natural pigment. Twelve squares of white canvas each display a blue-gray gradient, revealing a movement that is both precise and intense, on an empty white background. His gesture is slow, precise, combined with total control of breathing and body movements, and he conscientiously leaves an empty space, creating a link between the affected part and the intact part. A dialogue is then created between the elements of his work, but also between the interior and exterior world. This notion of an open site in which things and space interact in a living way seems to run through all of Daniel Mattar's work. Born in Rio de Janeiro, Brazil in 1971 and now based in Lisbon, Mattar rethinks the relationship between photography, painting and sculpture, playing with the interstice spaces that infiltrate between each of the media. Similarly to Lee Ufan, his protean artistic practice suggests the idea of a mental space residing in the relationship among painted, unpainted, occupied and empty spaces. He thus transforms painted objects into photographic digital form, which he reconditions again into a sculptural object, and it is the balance of the relationships among the three, more specifically among volume, color and light, which establishes the very meaning of his works

To transition from a pictorial image to a photograph and then to an object, Daniel Mattar deploys a range of diverse techniques, generally starting from found materials, on which he uses a painting gesture, before photographing the result to reprint it then in large format.

He thus recycles everyday images and materials which he covers with a thick layer of oil paint before photographing the result and then producing a large format photograph. A utopian of the banal, he offers advertising residue and forgotten images a second life thanks to the light and shadows that photography allows him to explore. From a technical point of view, he uses a digital sensor with a medium format camera, which is twice the size of a 35mm camera sensor, and Japanese macro lenses. He then prints the images on diasec process via a pigment print, then laminates under transparent plexiglass, a process during which adhesion takes place chemically when two liquid components come into contact, allowing a smooth and flawless surface to be obtained, and with an accentuated color contrast...

The choice of tones and colors plays a very particular role in Daniel Mattar's practice, which he distills with meticulous care. Taking inspiration from the color charts of hardware stores, he composes his own palette with evocative names, such as titanium white, the most brilliant opaque white, used throughout the history of art; Payne's gray, a dark gray, with a blue tendency, widely used in watercolors and obtained by mixing several pigments; or ultramarine blue, a deep and historically precious blue because it's obtained by grinding fine lapis lazuli and is among the most expensive pigments. Its synthesis in the 19th century will make it one of the least expensive. Colors are never there by chance; they convey hidden meanings, codes, taboos or prejudices. They are a reflection of our daily life, our language and our imagination. They are neither immutable nor universal and have a history...

martha kirszenbaum, 2023

daniel mattar

flowing forms

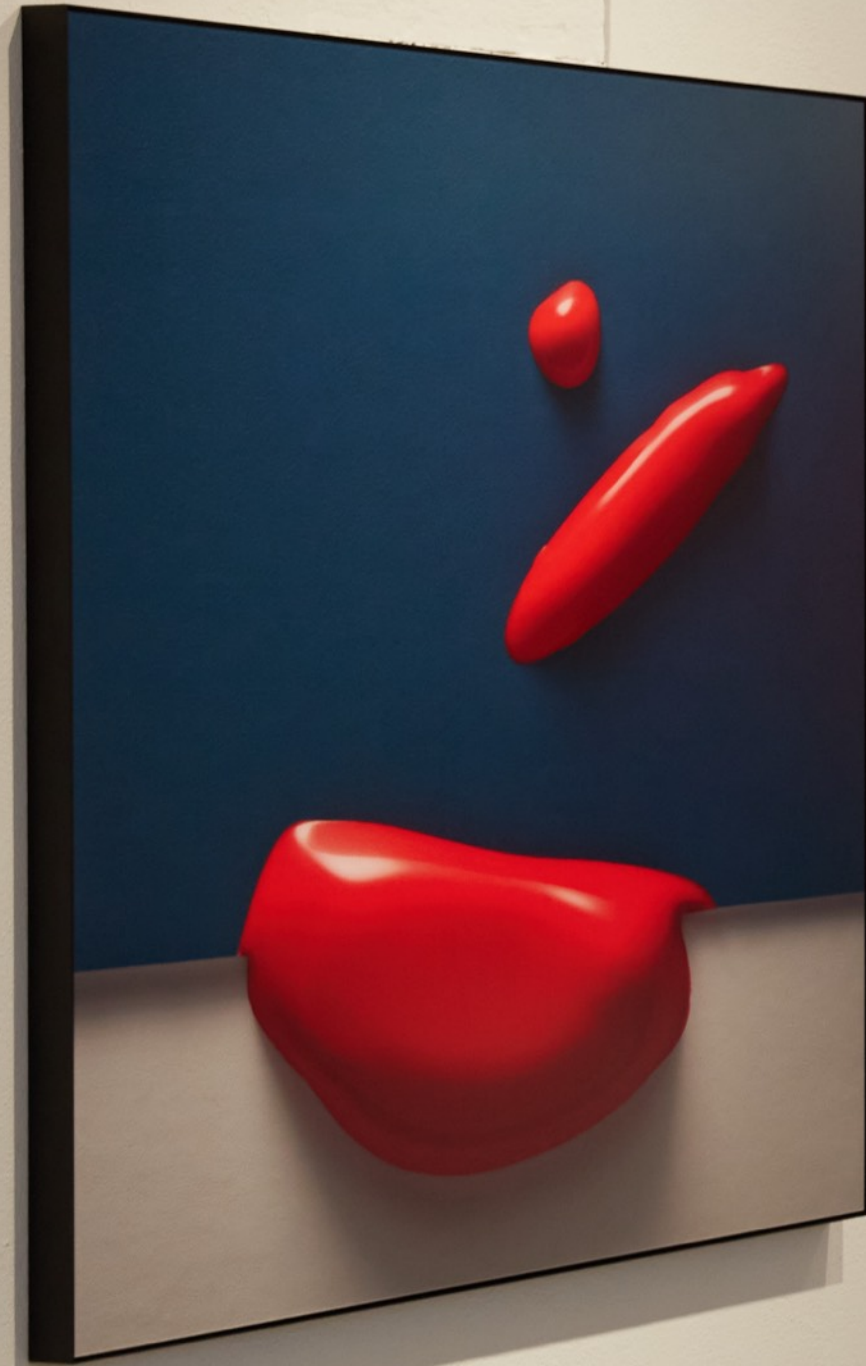
Em sua emblemática série Dialogue, desenvolvida em 2010, Lee Ufan, pintor e escultor minimalista coreano, cria suas telas dispostas sobre o chão com uma pincelada de tinta a óleo misturada com um pigmento natural. Doze telas brancas exibem, cada uma, um gradiente azul-acinzentado, que revela um movimento ao mesmo tempo preciso e intenso sobre o fundo branco vazio. O gesto de Ufan é lento e certo, alia-se a um completo domínio da respiração e dos movimentos do corpo, e ele conscientemente deixa um espaço vazio que forma um elo entre a parte pintada e a parte intacta. Cria-se, então, o diálogo entre os elementos de sua obra, mas, também, entre o mundo interior e exterior. Essa concepção de local aberto, no qual as coisas e o espaço interagem de forma vivaz, parece atravessar toda a obra de Daniel Mattar. Nascido no Rio de Janeiro, no Brasil, em 1971, e hoje radicado em Lisboa, Mattar repensa a relação entre fotografia, pintura e escultura, brincando com os intervalos que se infiltram em cada um desses suportes. Sua prática proteiforme, assim como a de Lee Ufan, sugere um espaço mental que reside na relação entre espaços pintados, não pintados, preenchidos e vazios. Mattar transforma, então, os objetos pintados em formas fotográficas digitais, que posteriormente reorganiza desta vez em objeto escultural – é o equilíbrio das relações entre os três, mais especificamente entre volume, cor e luz, que funda o próprio sentido de suas obras.

Para passar de uma pintura a uma fotografia e, em seguida, a um objeto, Daniel Mattar lança mão de um leque de técnicas, geralmente partindo de materiais que encontra, nos quais intervém com um gesto pictórico e que depois fotografa para então reimprimi-los em grande escala. O artista recicla imagens e materiais do cotidiano, cobrindo-os com uma

camada espessa de tinta a óleo, fotografa o resultado e produz fotografias em grandes formatos. Utopista do banal, ele oferece uma segunda vida aos resíduos publicitários e a imagens esquecidas graças à luz e às sombras que a fotografia lhe permite explorar. Do ponto de vista técnico, Mattar usa um sensor digital com uma câmera de médio formato, com o dobro do tamanho de um sensor de uma câmera de 35mm, e lentes macro japonesas. Ele imprime as imagens em Diasec com impressão pigmentada sobre acrílico transparente, processo no qual a aderência se faz quimicamente quando dois componentes líquidos entram em contato, resultando em uma superfície lisa, sem falhas, com um contraste de cor acentuado...

A escolha de cores e tons de tinta tem um papel particular na prática de Daniel Mattar, ele aplica, gota a gota, com cuidado meticuloso. Inspirando-se nas cartelas de cor das lojas de tinta e de materiais de construção, ele compõe sua própria paleta de nomes sugestivos, como branco de titânio – o branco opaco mais luminoso usado na História da Arte –, o cinza de Payne – um cinza-escuro tendendo para o azul, muito usado em aquarela e obtido graças à mistura de vários pigmentos –, ou o azul-ultramar – um azul intenso e historicamente valioso por ser obtido pela moagem da fina pedra de lápis-lazúli, e que está entre os pigmentos mais caros do mundo, ainda que sua síntese realizada no século XIX tenha viabilizado uma versão artificial mais acessível. As cores nunca estão ali por acaso, elas carregam sentidos ocultos, códigos, tabus e preconceitos. Elas são o reflexo da nossa vida cotidiana, da nossa linguagem, do nosso imaginário. Não são nem imutáveis nem universais e carregam uma história...

martha kirszenbaum, 2023







daniel mattar

cidade vermelha, 2021

Archival pigment print mounted on plexiglass

150 × 240 cm (Diptych)

Edition of 3 plus 1 AP







8-3

daniel mattar

kokai, 2021

Archival pigment print mounted on plexiglass

165 × 141 cm

Edition of 3 plus 1 AP





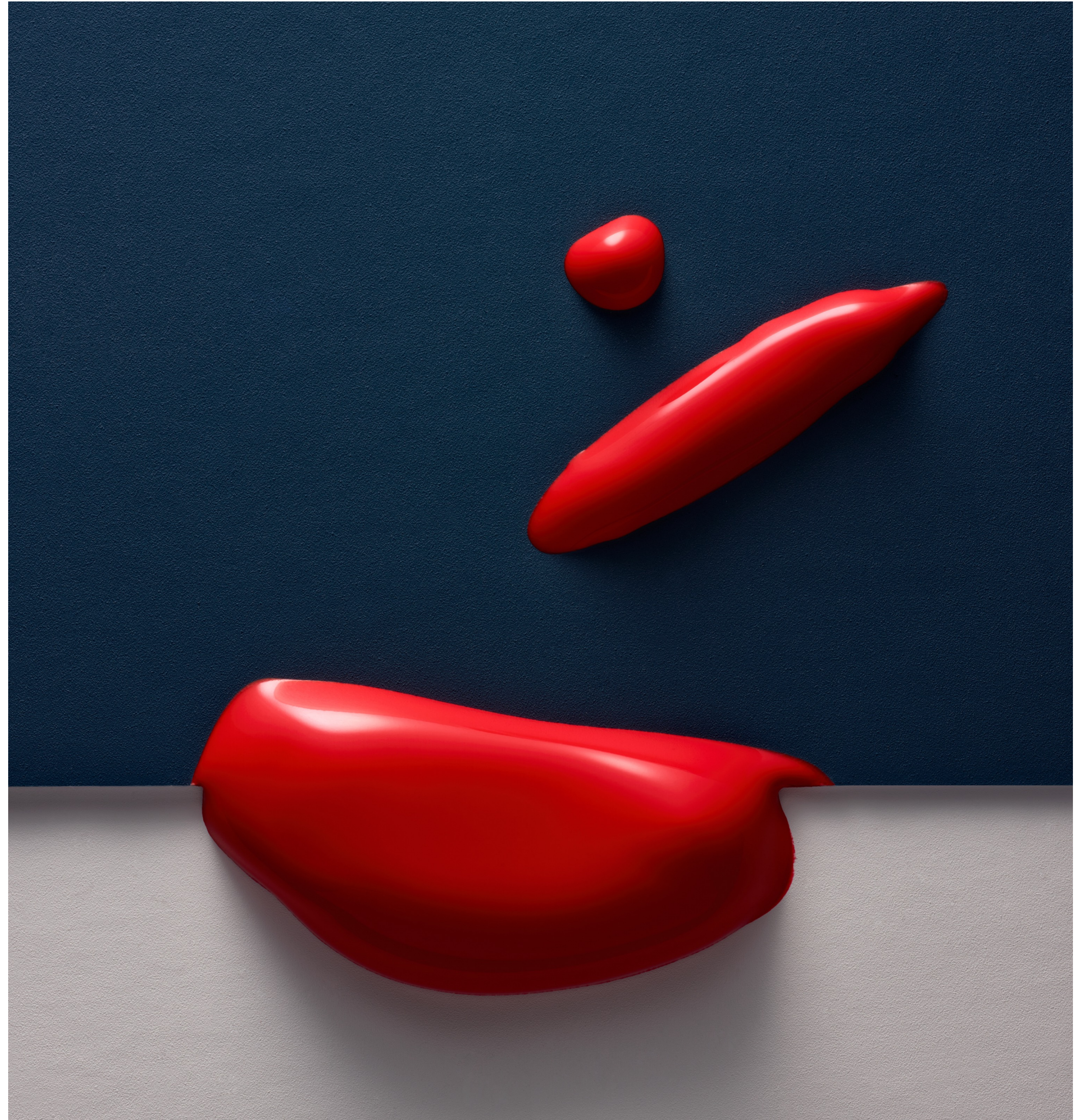
daniel mattar

shodō, 2022

Archival pigment print mounted on plexiglass

120 × 120 cm

Edition of 3 plus 1 AP







daniel mattar

duo, 2021

Archival pigment print mounted on plexiglass

110 × 110 cm

Edition of 3 plus 1 AP





daniel mattar

white balance, 2019

Archival pigment print mounted on plexiglass

110 × 110 cm

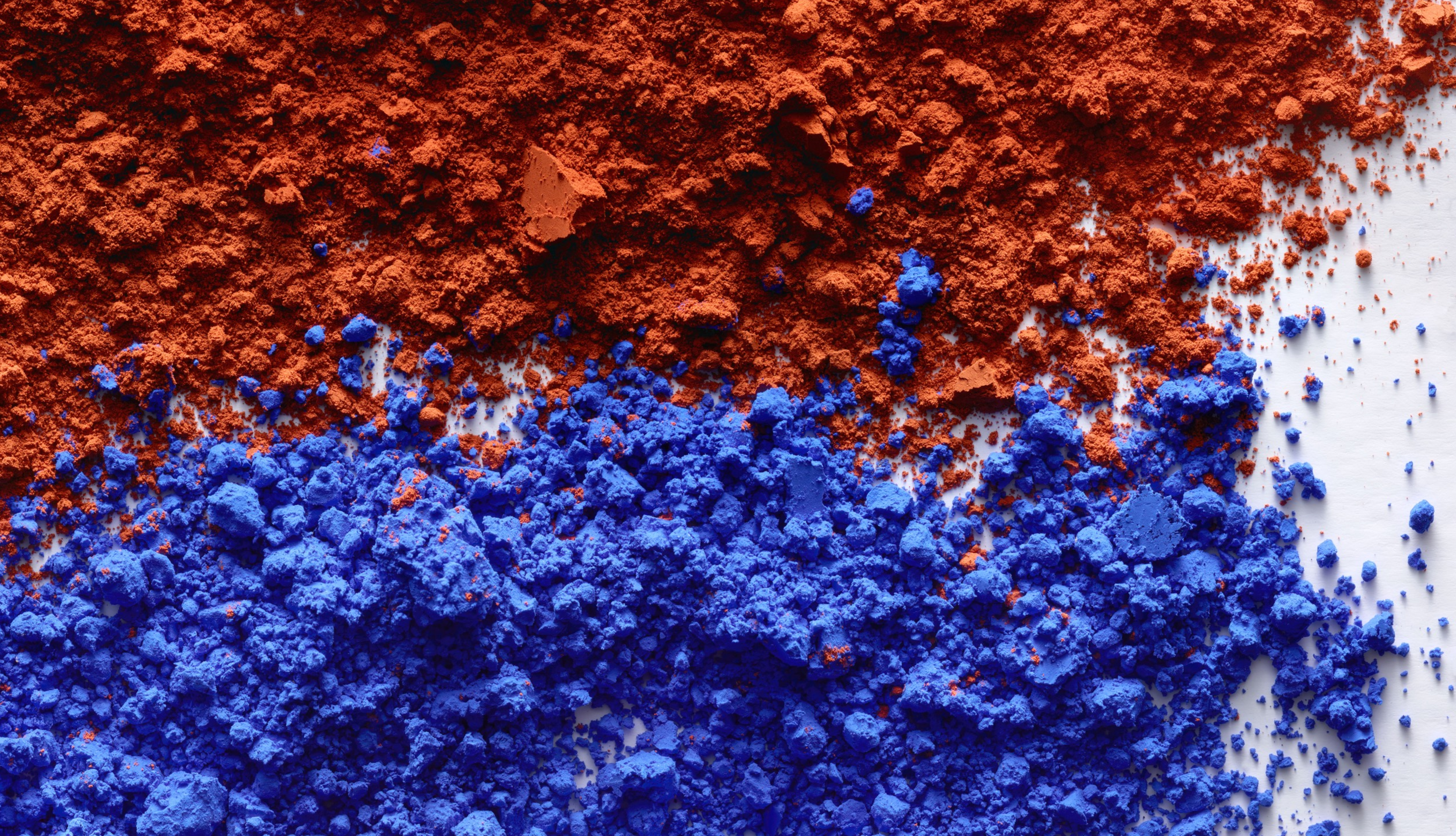
Edition of 3 plus 1 AP





Small white label with illegible text.





daniel mattar

terra água, 2021

Archival pigment print mounted on plexiglass

120 × 120 cm

Edition of 3 plus 1 AP





daniel mattar

oca, 2021

Chromogenic print mounted on plexiglass

170 X 100 cm

Edition of 3 plus 1 AP





daniel mattar

Daniel Mattar was born in Rio de Janeiro in 1971. From early on, Mattar realized that photography offered a possibility for artistic expression, leading him to pursue a course in Art & Design at PUC-Rio. Daniel Mattar discovered a personal path in portrait photography, launching a highly successful career that lasted nearly 30 years. He dedicated himself profoundly to studying technique and found his greatest curiosity and talent in lighting.

Mattar works with different scales, from micro to macro, photographing pigments on small surfaces, creating three-dimensional compositions, and contemplating light and shadow. To transition from a pictorial image to a photograph and then to an object, Daniel Mattar deploys a range of diverse techniques, generally starting from found materials, on which he uses a painting gesture, covering with a thick layer of oil paint, before photographing the result to reprint it then in large format.

Mattar has held solo and group exhibitions since 1988, including the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro (MAM-RJ), the Banco do Brasil Cultural Centre (CCBB), the Sergio Porto Cultural Space and the Deji Art Museum, which acquired the Photographic Drawings series for its collection. His works are in important private collections in Brazil, the USA, Europe and Asia.

Daniel Mattar nasceu no Rio de Janeiro em 1971. Desde cedo, Mattar percebeu que a fotografia oferecia uma possibilidade de expressão artística, o que o levou a cursar Arte e Design na PUC-Rio. Daniel Mattar descobriu um caminho pessoal na fotografia de retratos, lançando uma carreira de grande sucesso que durou quase 30 anos. Ele se dedicou profundamente ao estudo da técnica e encontrou sua maior curiosidade e talento na iluminação.

Mattar trabalha com diferentes escalas, do micro ao macro, fotografando pigmentos em pequenas superfícies, criando composições tridimensionais e contemplando luz e sombra. Para passar de uma pintura a uma fotografia e, em seguida, a um objeto, Daniel Mattar lança mão de um leque de técnicas, geralmente partindo de materiais que encontra, nos quais intervém com um gesto pictórico, cobrindo-os com uma camada espessa de tinta a óleo, e que depois fotografa para então reimprimi-los em grande escala.

Mattar tem realizado exposições individuais e coletivas desde 1988, incluindo o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), o Espaço Cultural Sergio Porto e o Museu de Arte Deji, que adquiriu a série Photographic Drawings para sua coleção. Suas obras estão em importantes coleções particulares no Brasil, nos EUA, na Europa e na Ásia.

daniel mattar

flowing forms, 2023

Artist's book



visite a exposição virtual
clikando no botão abaixo.

*visit the virtual exhibition by
clicking on the button below.*

viewing room



Rua Vitor Cordon, 44
1200-484 | Lisbon, Portugal

+351 938 141 641
bebelmoraes@brisagaleria.com
www.brisagaleria.com

